

Proponente: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Área da Psicologia: Psicologia Clínica e da Personalidade

## **FUNDAMENTOS DA PSICOTERAPIA NA PSICOPATOLOGIA E FILOSOFIAS FENOMENOLÓGICAS.**

Justificativa: A psicoterapia é uma modalidade de atendimento clínico que foi desenvolvida ao longo da história de nosso país pela orientação psicanalítica, bem como pela cognitivo-comportamental. Nessa evolução histórica também apareceram as psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial. No entanto, apresentaremos três outras possibilidades de orientações teórico-clínicas, a partir de uma reflexão rigorosa da filosofia fenomenológica ou fenomenologia pura. Essas três perspectivas são pouco conhecidas em nosso país, mas vem se desenvolvendo nos Programas de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, Campus Butantã e Campus Ribeirão Preto com intercâmbios internacionais com a *Université de Savoie*, França, com a *Universidade Católica Portuguesa*, Portugal e *Pontificia Universidade Lateranense* de Roma, Itália. A relevância do tema é poder fundamentar a psicoterapia à luz da psicopatologia fenomenológica do russo-polonês Eugene Minkowski, da filosofia alemã de Edith Stein e do filósofo francês contemporâneo, Michel Henry. Essas filosofias fenomenológicas são aplicadas à psicoterapia em seus fundamentos, nas semelhanças e diferenças, em um campo interdisciplinar que articula psicologia como prática e filosofia como teoria. O objetivo é mostrar como se revelam as evidências fenomenológicas das psicoterapias, a objetividade dos métodos qualitativos em ciências humanas, as possibilidades e os limites dessas relações. Incluir tal tema na reunião é uma forma de apresentar à comunidade científica três propostas distintas de inovação tecnológica na área das ciências humanas, especificamente a psicoterapia. O método fenomenológico puro contribui com a psicologia, para que esta encontre seus fundamentos e possa prosseguir seu caminho investigativo sem riscos de reduções interpretativas do fenômeno estudado. Os participantes tem competência no tema: (1) Prof. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez trabalha com o método fenômeno-estrutural desde 1993, na *Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-structurale*, France, e tem trabalhado efetivamente no Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP nos últimos quatro anos com o professor estrangeiro convidado, o Prof. Emérito Jean-Marie Barthélémy, da *Université de Savoie*, e Presidente da *Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-structurale*, França; ambos trabalharam com a Profa Emérita Zéna Helman, que por sua vez trabalhou com Eugène Minkowski. O trabalho do Prof Andrés Antúnez se insere na psicoterapia e recebeu apoio FAPESP de 200 a 2004; (2) a Doutora Nara Helena Lopes Pereira da Silva, USP Ribeirão Preto, recebeu menção honrosa CAPES pelo seu doutorado em Edith Stein e Saúde da Família, que teve apoio da FAPESP, em 2011 e nessa nossa proposta ampliará suas reflexões para a psicoterapia refletida à luz da teoria antropológica da filósofa alemã Edith Stein. Nara tem experiência internacional de um ano na Pontifícia Universitas Lateranensis e no Centro Italiano de Pesquisas fenomenológicas, Roma, Itália (Centro de Altos Estudos), sob co-orientação da Profa Emérita Angela Ales Bello, referencia mundial na obra de Edmund Husserl e Edith Stein; (3) Maristela Vendramel Ferreira é pós-doutoranda do IPUSP e tem sido co-orientada pela filósofa portuguesa Profa Emérita Florinda Martins, do Centro de Estudos em Filosofia da Universidade

Católica Portuguesa, que trabalhou mais de vinte anos com o filósofo francês Michel Henry. Ela apresentará as contribuições da Fenomenologia da Vida de Michel Henry às psicoterapias, relatando um estudo de caso. Assim, a proposta contribui com o avanço no conhecimento da psicoterapia fundamentada na tradição de três vertentes da fenomenologia pura e rigorosa aplicada como referencial teórico à clínica psicoterapêutica, ampliando as noções da afetividade, da intropatia e de uma nova compreensão de psicopatologia e noção de Homem, úteis à psicoterapia, pois não reduz o outro a teorias abstratas e pré-concebidas, mas fundamenta-se nas evidências fenomenológicas e evoluções que a clínica nos apresenta.

*Coordenador: Andrés Eduardo Aguirre Antúñez*

**A PSICOTERAPIA NO MÉTODO FENÔMENO-ESTRUTURAL.** Andrés Eduardo Aguirre Antúñez (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Interessado em ampliar toda potencialidade existente no método fenômeno-estrutural, já reconhecido na área da psicopatologia fenomenológica e na área psicodiagnóstica, investigamos quais são as possibilidades que o método alcança ao voltar sua atenção à psicoterapia. A análise fenômeno-estrutural, desde as análises da linguagem de pacientes esquizofrênicos, bipolares e deprimidos feitas por Eugène Minkowski, mostrou sua amplitude na análise aprofundada da linguagem dada por pacientes ao método de Rorschach, aos desenhos e pinturas, à literatura e poesias, à música, de modo que nos parece legítimo investigar as potencialidades desse método na avaliação da evolução e compreensão do que acontece em psicoterapia. As noções de intersubjetividade, de intropatia, de expressão, da afetividade e suas alterações, os mecanismos essenciais da linguagem (*lien* e *coupure*) e de compensação fenomenológico são alguns dos conceitos teórico-práticos a serem articulados aos processos psicoterapêuticos. Mais que observar o paciente como o objeto em estudo, é o *nós* que será evidenciado. A linguagem como expressão verbal e não verbal, o verbo e as manifestações do corpo. É na área intropática que se abre o campo para o diagnóstico pela razão e pela compenetração ou sentimento e nessa área investigaremos as singularidades nas psicoterapias. A co-afetividade pode ser acompanhada em seus movimentos interiores, íntimos e na exterioridade, bem como o pathos-com. Nesse sentido, a noção de psicopatologia é distinta daquela das ciências naturais, mas procura compreender como o paciente vive a doença que o afeta. É na psicoterapia que observaremos os movimentos ou pseudas-paralizações, os recursos de aproximação (*lien*) e os de esquiva ou corte (*coupure*), a vitalidade e falta de dinamismo, a sensorialidade em suas relações com a racionalidade, mas antes de tudo é na afetividade que recai nosso interesse. O terapeuta mantém um estado de abertura fenomenológica para conhecer o outro a partir do modo dele ser e de se comportar ao longo do tempo. São as vivências temporais e espaciais que nos fornecerão dados do modo de ser semelhante e distinto do paciente. A psicoterapia é compreendida nesta vertente como uma interlocução que respeita a liberdade, a cultura e a singularidade do outro. As hipóteses de trabalho não podem ser determinadas antes da con-vivência, mas a partir dela podem ser levantadas hipóteses no decorrer do tempo, nunca antes. Acompanhar

alguém nessa perspectiva restitui o valor do encontro humano em sua essência, no *elan vital* necessário para viver a vida em sua manifestação e mistério.

Palavras-chave: psicoterapia, psicopatologia fenômeno-estrutural.

P- Pesquisador

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

2º Apresentador: Nara Helena Lopes Pereira da Silva

**PSICOTERAPIA E FENOMENOLOGIA: UM OLHAR REFLEXIVO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN.** Nara Helena Lopes Pereira da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar alguns conceitos da fenomenologia, em especial, da antropologia fenomenológica de Edith Stein, visando uma reflexão sobre as contribuições do pensamento desta filósofa para a atuação clínica do psicólogo. A presente discussão tem como embasamento as obras da filósofa traduzidas da língua original (alemão) para a língua italiana e também as contribuições de pesquisadores italianos especialistas, a saber, Angela Ales Bello, Ana Maria Pezzella, Patrícia Manganaro. Edith Stein (1891-1942) é de origem alemã, estudou rigorosamente a fenomenologia de Edmund Husserl entre os períodos de 1911 a 1933, sendo orientada por ele em sua Tese de doutorado intitulada “Sobre o problema da empatia (1917)”. É uma estudiosa pouco conhecida no Brasil, em especial no que se refere a suas contribuições ao saber psicológico. Sua principal busca foi constituir uma antropologia filosófica de impostação fenomenológica, que se complementa e se sustenta na tradição metafísica antiga e medieval, em busca de uma estrutura essencial humana. A temática central de seus estudos é a constituição do ser humano e, correlativamente, de suas manifestações exteriores. Dessa forma, suas questões fundamentais dialogam diretamente com a importância de compreender a natureza singular humana e o significado das suas expressões e produções, que possuem um valor intersubjetivo. No que se refere à psicoterapia, Stein oferece um convite à reflexão acerca dos fundamentos do conceito de estrutura humana, ao fundamentá-la rigorosamente, na busca de compreender o significado mais profundo da interioridade. Aborda as temáticas acerca de uma subjetividade corpórea, psíquica e espiritual envoltos por uma alma e, para além do indivíduo, trata do tema da intersubjetividade e da religiosidade como necessidades essenciais da pessoa, além de apontar a existência de uma profunda unidade no interno da comunidade humana, atingindo o tema da alteridade e da universalidade. Tal compreensão permite outro olhar para as problemáticas vivenciais encontradas no cotidiano do atendimento clínico, que muitas vezes resultam no sofrimento e na estagnação do sentido da vida, na medida em que o psicoterapeuta, enquanto um profissional preocupado com o desvelar da subjetividade, pode promover o reconhecimento das múltiplas experiências do ser, a partir da abertura ao outro e de questionamentos acerca dos sentidos da vida, no reconhecimento e legitimação das diversidades da experiência humana. A filosofia antropológica de Stein e seu modo de compreender o mundo configuram um convite para a reflexão da prática clínica, ao fundamentar a existência de uma profunda unidade no interno da comunidade humana, o que permite abordar não apenas o tema da singularidade e da intersubjetividade, mas também da alteridade.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia; Edith Stein.

P- Pesquisador

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade

3º Apresentador: Maristela Vendramel Ferreira

**A DIALÉTICA DOS AFETOS EM UMA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.** Maristela Vendramel Ferreira\*\* (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

O objetivo desse trabalho é discutir a dialética dos afetos em uma relação terapêutica a partir dos conceitos tecidos por Michel Henry em sua Fenomenologia da Vida. Filósofo e romancista francês, Michel Henry (1922-2002) preocupou-se sobre como os fenômenos aparecem e assevera que eles revelam-se na auto-afecção, na afetividade originária, no *pathos*. O *pathos* é considerado o núcleo da vida, sendo esta o que se experiência em si mesmo sem distancia ou diferenciação de si. Nesta relação de si consigo na vida, no *pathos*, no sofrer e no fruir, o Si constitui-se, desenvolve-se, encarnado. A fenomenalidade pura do afeto, que abre para a alteridade, é o aspecto central da fenomenologia de Henry que nos oferece uma base ontológica para compreendermos as relações terapêuticas. A dialética dos afetos, estruturante e constitutiva do desenvolvimento humano, será apresentada nos elementos que a compõe, a saber: co-*pathos*, passibilidade, consentimento, co-propriedade, co-moção e adesão a si e a vida. Estes aspectos são discutidos a partir de um caso clínico através da narrativa do *pathos*, método da Fenomenologia da Vida utilizado para a análise dos dados clínicos. Neste a afetividade é narrada como ela se dá, em sua subjetividade imediata, indo à raiz da vida, sem distanciamento do fenômeno, sem atribuir significados, com suas ressonâncias, tonalidades, formas e temas, sem separações ou explicitações do que é exterior ou interior, visível ou invisível. O *pathos* narrado é relativo a duas sessões, realizadas com intervalo de seis meses entre elas, nas quais Ângelo, um menino surdo de oito anos com queixas de agressividade e agitação, é atendido por uma psicoterapeuta que não dominava sua língua de sinais. A comunicação e a psicoterapia aconteceram sem o uso da linguagem oral, num ambiente que albergava a vida, possibilitando o desenvolvimento do paciente no que diz respeito à constituição do Si, à modalização de suas tonalidades afetivas, ao surgimento de novas tonalidades e à mudança de comportamento. A Fenomenologia da Vida permitiu a compreensão deste caso de uma forma profunda, indo às raízes ontológicas da comunicação e dos relacionamentos humanos, fundamentais à clínica. O atendimento realizado na dialética dos afetos possibilitou uma comunicação integral e sensível com o paciente permitindo que o processo psicoterapêutico ocorresse. Através desse caso e dos conceitos cunhados pela abordagem fenomenológica de Henry, constata-se que a comunicação e a relação terapêutica se constituíram pela afetividade, na dialética dos afetos, tanto pela impossibilidade de comunicação oral do paciente quanto pelo fato de que esta é a forma originária e a premissa ontológica da possibilidade de comunicação e de relacionamento entre as pessoas, ser afetado e afetar o outro.

Palavras chaves: relação terapêutica, afeto, fenomenologia.

\*\*PD

CLIN – Psicologia Clínica e da Personalidade